

# Silêncios e apagamento negro no país

» JANAÍNA R. THEODORO

Formada em letras, especialista no ensino de português como segunda língua para pessoas surdas, é professora da rede pública do DF

Como negar o projeto nacional de apagamento da população negra? Como refutar que somos uma nação profundamente racista e preconceituosa? Como não destacar que o racismo sistêmico age para apagar de nossas memórias as lutas e conquistas do povo negro? Insiste-se em silenciar o legado atroz da escravidão e não reconhecer o protagonismo negro na fundamentação do Brasil. Por quê?

Há quem acredite que o Brasil não deu certo. Ledo engano. O projeto de Estado institucional se fundamenta, desde seu suposto “descobrimento”, na perpetuação de apenas um determinado grupo no poder. Por séculos, o Brasil foi o maior império escravista do hemisfério ocidental, tendo sua força econômica baseada no tráfico negreiro.

Esse grupo dominante nunca se preocupou em distribuir rendas e terras, compartilhar conhecimentos, reconhecer direitos e construir uma nação realmente democrática. A tragédia da escravidão se mantém. Há um projeto em andamento, pois a desigualdade social aflige de forma mais aguda a população negra e sua descendência já abandonada, logo após a abolição da escravatura.

O genocídio negro continua acontecendo nas suas formas física, social, histórica e cultural. Admite-se a continuidade da escravidão quando se silencia diante dos índices devastadores e alarmantes da maioria da população negra.

Nosso presente anda assombrado pelo nosso passado. A construção da identidade nacional perpassa por uma reconciliação com o passado. A história precisa ser (re)escrita, destacando a pluralidade da nossa formação. Uma história que deverá lembrar as cicatrizes dos corpos açoitados, se antepor à construção de mitos como uma escravidão romancada, analisar argumentos elaborados com bases na ciência e na religião, destacando as atrocidades.

O Brasil oficial precisa, urgentemente, pautar, na agenda, discussões e ações sobre a inclusão dos povos tradicionais nos interesses do país. As histórias que se pretende esquecer são muitas. Aqui, esquecer implica esconder; em tornar as vítimas desse sequestro, desse holocausto, algozes da própria narrativa. Porém, o silêncio tem sido atravessado por vozes que se cruzam entre o



passado e o presente; entre o hoje e o ontem; entre a vida e a morte.

Para este texto, trago a importância do Instituto de Pesquisa e Memória dos Pretos Novos/Sítio arqueológico — Cemitério (IPN), um

dos exemplos de como é possível testemunhar e ocultar a presença da escravidão negra no Brasil. O Cemitério dos Pretos Novos funcionou de 1772 a 1830, fez parte do maior complexo comercial escravagista das Américas, situado na zona portuária do Rio de Janeiro. Foi o mercado de escravos, compra e venda de cativos. Fazia parte dessa estrutura o Lazareto da Gamboa, uma instalação destinada à quarentena e ao tratamento de doenças infecciosas de negros que chegavam ao território nacional.

O cemitério dos Pretos Novos tinha como função sepultar os escravizados que morriam antes de serem comercializados. De 1830 a 1996, o cemitério manteve-se esquecido, soterrado, assim como seus corpos e seus mortos — 166 anos silenciados, em nome de uma política pós-abolicionista de progresso e branquitude. O espetáculo de horror da escravidão deveria ser apagado.

Em janeiro de 1996, após uma reforma em sua casa, localizada na Gamboa, no Rio de Janeiro, o casal Guimarães localiza o Cemitério dos Pretos Novos. Desde sua descoberta, até os dias atuais, o IPN mantém suas atividades com participação de voluntários, doações particulares, curso de pós-graduação e, principalmente, com as ações efetivas e afetivas de Mercedes e Petrucio. O IPN dedica-se ao estudo, à extensão e à preservação da memória negra. O investimento na divulgação, na pesquisa, na capacitação contínua visa resistir a qualquer forma de apagar ou silenciar a história real.

Nesse recorte, verifica-se um Projeto Brasil bem estruturado, em seus conceitos de silenciamento e apagamento da história das pessoas negras. Há um presente impregnado de passado. Não se vê, por parte do Estado, interesse na manutenção do IPN. Este, por sua vez, além de todas suas atribuições, honra e dignifica os mortos ali enterrados, restabelecendo suas linhagens ancestrais. Rever esse projeto se faz necessário, pois corpos negros continuam sendo enterrados em valas como indigentes, sem história, sem chão.

O Cemitério dos Pretos Novos, assim como outros marcos históricos da escravidão são lembretes de que, por mais que se tente, não há como enterrar o que está à flor da terra, não há como negar o que está à flor da pele.

## O crime e a punição

» JOSÉ HORTA MANZANO

Empresário e blogueiro

Corrupção existe no mundo todo. Em certas regiões do globo, está mais presente que em outras. Seja como for, pouca ou muita, corrupção sempre há. Em países em que a observância de leis e regras é pouco rigorosa, a corrupção acaba se instalando como fato corriqueiro, presente no dia a dia de todo cidadão.

A América Latina, com o Brasil em destaque, é conhecida como um dos polos mundiais no assunto. Que se chame gorjeta, propina, cervejinha, cafezinho, molhadela, suborno, jabaculé, lambidela, joia — tanto faz: são variações em torno de um mesmo tema.

Dado que a corrupção crônica é vista no exterior como realidade indissociável de nosso país, ninguém se comoverá com o fato de este cidadão roubar mais que aquele outro. Está aí, por certo, o segredo da persistente popularidade de Lula da Silva além-fronteiras. Processo, condenação e encarceramento não foram suficientes para manchar-lhe o retrato. Verdadeira ou não, a imagem que o mundo reteve dele foi a de um dirigente que cuidou de seus compatriotas humildes e desvalidos — atitude incomum em nossos trópicos. Isso marcou.

O atual presidente martela: “No meu governo, não tem corrupção!”. Pode ser que o mantra funcione entre devotos mais crédulos; no estrangeiro, tem efeito nulo. Quando já se dá por favas contadas que todo dirigente sul-americano é desonesto, não é uma figura farisaica a bater no peito e a repetir “Eu não!” que vai comover alguém.

Portanto, fica claro que o fator corrupção não é suficiente para abalar a reputação do Brasil.

Passemos a um exercício de futurologia política. Vamos trabalhar sobre uma hipótese cujo peso, neste momento, é difícil avaliar. Inventemos um roteiro fictício.

Apesar da algaravia armada em torno da urna eletrônica, o capitão sofre derrota estrepitosa nas eleições. Dia seguinte, num balé incubado de longa data, tropas evacuam Congresso, STF e TSE, e lhes impõem rendição. Em cadeia nacional de rádio e tevê, o presidente aparece cercado por uma penca de fardados estrelados — generais, almirantes, brigadeiros. Todos ostentam o cenho franzido e o ar grave que convém aos momentos cruciais da vida nacional. O capitão anuncia o golpe.

Na sequência, estado de sítio é decretado. Garantias e liberdades individuais são suspensas. O Congresso é fechado, assim como o STF e o TSE. As personalidades que possam causar estorvo ao regime que se instala são detidas e encarceradas — o primeiro da lista é naturalmente o vencedor da eleição. Senadores e deputados têm os mandatos suspensos.

Nos dias que se seguem, manifestações internacionais de protesto pipocam. Os EUA são os primeiros da lista, instando o novo regime a repor o Brasil nos trilhos. Seguem-se a União Europeia, o Japão, o Reino Unido. Logo atrás, vêm os países da América Latina, num coro uníssono. A Organização dos Estados Americanos (OEA) e a Organização das Nações

Unidas (ONU) reiteram a mesma injunção: o resultado das eleições tem de ser respeitado e o Congresso, reaberto. Indiferentes às súplicas internacionais, o capitão e seu generalato levam adiante o golpe. Dada a vacância do Legislativo, o presidente passa a governar por decreto. É a estreia de um regime autocrático. Fosse o Brasil um país pequenino e desimportante, talvez o mundo não se comovesse com a situação. Mas não é assim. Nosso país tem o peso de 200 milhões de habitantes e uma economia significativa. Nessas condições, ao ver que o novo ditador e a junta que o apoia sonégam resposta à súplica internacional, as nações, capitaneadas pelos Estados Unidos (EUA), decidem engatar a segunda.

Assim como foi feito com a Rússia, sanções contra o Brasil são decretadas. No primeiro pacote, a mais vistosa delas é a decisão de proibir cidadãos envolvidos no golpe de entrarem nos EUA e nos países adiantados. Os haveres desses indivíduos no exterior ficam bloqueados.

A notícia dessa decisão cai como bomba no Planalto. “Como assim? Quer dizer que não tenho mais acesso a minha conta bancária na Suíça? E não vou mais poder passar férias no meu apartamento de Paris? E nunca mais vou poder andar de xicara na Disneylândia?”

O mundo não precisa editar um segundo pacote de sanções. Esse basta. Tendo dado com os burros n’água, os golpistas encerram a brincadeira. Rapidinho.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## Não vou por aí

Como dizia José Régio, in *Cântico Negro*: “Não, não vou por aí! Só vou por onde/Me levam meus próprios passos... Se ao que busco saber nenhum de vós responde/Por que me repetis: ‘vem por aqui!’? Prefiro escorregar nos becos lamacentos, /Redemoinhar aos ventos, /Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,/A ir por aí...”

Em pleno século 21, a humanidade, temerosa das imensas responsabilidades que tem pela frente, num planeta em grande ebulição, insiste em permanecer estagnada, dentro de uma fase evolutiva que muito se assemelha à adolescência, oscilando entre a infância e a maturidade, receosa em ter que assumir as rédeas do próprio destino, livrando-se definitivamente da tutela de políticos.

De fato, um novo século para a humanidade só virá quando ela adquirir a capacidade plena de andar sem essa muleta, liberta de intermediários, que no final das contas são também seus carcereiros. Um olhar em volta, mostra que ainda estamos longe desse dia. As guerras e os extremismos políticos, representam bem essa eterna adolescência. As desigualdades sociais e a violência reafirmam, por hora, nossa dependência e amarras à esses títeres.

Não somos o que somos. Estamos resumidos a sermos aquilo que queremos que sejamos e assim seguimos sem vontade, ao sabor do empurrão dos ventos. A própria democracia, como a temos, é ainda o menos aflitivo modelo que encontramos para delegar nossas responsabilidades sem nos responsabilizarmos pelo que virá.

E é aí que as coisas tomam os rumos que não desejamos. No nosso caso particular, passados os quatro anos de governo, com mudanças nos Poderes Executivos e Legislativos de todo o país, nenhum dos eleitores se apresenta perante a justiça para confessar seus crimes por haver eleito esse e outro mandrião, esse e outro corrupto, ficando o passivo dessa irresponsabilidade dividida por todos igualmente, numa punição que se repete ad infinitum a cada quadriênio.

Por isso, falar em esquerda e direita num país que não sabe sequer seguir em frente e em linha reta, rumo ao futuro, é como torcer em vão pela vitória vazia na disputa entre o Boi Garantido, de vermelho, e o Boi Caprichoso, de azul.

De olhos postos nesse ludopédio enfadonho, nesse verdadeiro Fla-Flu desnecessário, entregamos de bandeja, todo um país e toda uma nação nas mãos de muitas autoridades que demonstram desdém com a própria sorte.

Não se enganem. Somente eleitores notoriamente irresponsáveis e imaturos delegam o destino de suas vidas e de seus familiares àqueles que irão, na primeira oportunidade, roubar-lhes a carteira e a vida. É nessa disputa que rumamos para outubro, certos de que vamos no bom caminho. Afinal seguimos em círculo e sem enxergar um palmo à frente. Só escutamos a gritaria dizendo: vem por aqui. Tivéssemos algum juízo, há tempos teríamos gritado de volta: não, não vamos por aí. Seguiremos para onde dizia o filósofo de Mondubim: “Para o rumo da venda!”

### » A frase que foi pronunciada

“Deve-se ficar bêbado todos os dias e nunca ir para a cama sóbrio.”

Este era o principal requisito para a adesão a um grupo de bebedores criado pelo tsar Pedro I, da Rússia, no final do século 17.

### Evento

» Com apoio da Embrapa e do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, dois eventos podem ser indispensáveis para a tomada de decisão sobre a produção e comercialização do trigo. O Fórum Nacional do Trigo e a 15ª Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale acontecem na próxima semana em Brasília no Centro de Eventos Complexo Brasil 21, do dia 28 a 30.

### Humano

» Nenhum outro papa precisou de passaporte para viajar. Como cidadão do mundo, o papa Francisco, abdicando de qualquer privilégio, pediu que o governo argentino renovasse seu passaporte. Foi um exemplo para mostrar ao mundo que ele também é do mundo.

### Financiamento

» O que seria uma facilidade virou pesadelo para muita gente. Um curso superior passa a valer uma casa simples. Com atrasos no pagamento, muita gente entrou no emaranhado das dívidas. O fato de o presidente Bolsonaro sancionar lei que permite renegociação de até 99% da dívida do Fies vai dar fôlego para os endividados.

### » História de Brasília

*O Departamento de Correios e Telégrafos está sempre reclamando contra o abuso dos deputados e Senadores, que utilizam seus serviços sem pagar nenhuma taxa com assuntos que absolutamente não deviam ser transmitidos. Efetivamente, o abuso chegou ao máximo na temporada do Natal, quando 45 mil mensagens foram transmitidas pelos parlamentares, sobrecarregando o serviço. (Publicada em 2/3/1962)*